

Refúgios do corpo: deslocar para pertencer

To migrate in order to belong: body refuges

Monica Toledo Silva¹

Resumo

Este texto propõe um entendimento ampliado na terminologia do refúgio como um fenômeno milenar que ultrapassa o contexto trágico dos deslocamentos forçados ao promover outros encontros e entendimentos de formas de vida, assim como de nomadismo e migração. O refúgio como modalidade perene do corpo, dialógico com os fluxos de invisibilidade e gerador de uma presença sensível, vivencia novos pertencimentos distantes do tempo e lugar de origem. Atravessando autores que abordam o refúgio enquanto estratégia cartográfica e reconfiguração de uma política do corpo que ignora identidade e nacionalidade, vislumbramos desde o não lugar da tenda do campo de refugiados uma outra linguagem possível tecida por subjetividades, através da imposição da borda como espaço de reinvenção.

Palavras-chave: refúgio; corpo; deslocamento; linguagem.

Abstract

This text proposes an expanded understanding of the terminology of refuge as an ancient phenomenon that goes beyond the tragic context of forced displacements, by reterritorializing and promoting other encounters and new understandings of ways of life, as well as of nomadism and migration. The refuge as a perennial way of life, partly dialogic with the flows of invisibility but also generating a sensitive presence, which experiences new belongings far from the time and place of origin. Crossing authors who approach refuge as a cartographic strategy and reconfiguration of a policy of the body that ignores identity and nationality, we glimpse from the provisional refugee camp and the non-place of the tent a language woven by subjectivities.

Keywords: refuge; body; displacement; language.

1

Artista audiovisual e pesquisadora das narrativas do corpo nas imagens móveis. Pós doutora pela USP (Humanidades/FFLCH), UNICAMP (Instituto de Artes) e UFMG (Comunicação/ FAFICH); mestre e doutora em Semiótica pela PUC SP. Autora do selo Bloop, de produção e publicações em arte, ciência e filosofia (Performances da memória; Dramaturgias do real) e da rede Entremares, dedicada ao fomento das artes da migração pelo mundo. Pesquisa a territorialidade, deslocamento, nomadismo e refúgio em suas estéticas performativas. Docente da Pós graduação da PUC Minas (História da Arte). <http://monicatodosilva.tumblr.com>



A existência é a experiência de um espaçamento, um fora dela mesma, pluralidade no ato da exposição que é um excesso e um desvio.

Jean-Luc Nancy

A experimentação da terminologia do refúgio fora de seu cerne de urgência e imediaticidade, conforme se torna mais e mais visível em formas de vida que se reestruturam a partir de contextos em boa parte muito precários, demanda também uma postura distanciada a fim de possibilitar uma percepção ampliada de sua potência significante. Este desvio criativo do termo refúgio nos permite pensá-lo como lugar seguro para também fabular, imaginar, deslocar-se pelos territórios de si mesmo.

Pensar nas realidades do refúgio nestes deslocamentos de sentido é atentar-se às práticas enunciativas de discursos heterogêneos, no limite, ou ponto de encontro, de sua natureza corpórea e espacial. O contexto do refúgio como lugar de criação de imagens, nômade e atemporal, que expande seu contexto histórico para vagar por modos de tradução e presença sempre ativadas pelo imaginário de si e do entorno. Tal cartografia nômade de si exige um corpo criativo que se identifica num espaço sempre ao meio, entre corpo e mundo e em contínua negociação de formas de vida.

Ao mesmo tempo em que crescem e se diversificam, muitos povos, como os saarianos são de natureza nômade e configuram em si a essência do corpo cinético. O filósofo Achille Mbembe (2019, p.24) comenta que, mesmo chamado de lugar, o continente africano, no plano cultural e do imaginário, é para muitos lugar de passagem ou trânsito “em vias de se desfazer num modelo nômade, errante, transitório e de asilo”, e acrescenta que o sedentarismo é exceção.

Tal modo de ver se apropria da tradição de povos migrantes para discutir o refúgio no âmbito do corpo em seu aspecto criativo, desvinculado a um endereço, sugere o conceito do refúgio como o que se mantém e é recriado no trânsito - não em seu aspecto trágico do fenômeno de migrações em massas em busca de refúgio em outros países, como acompanhamos, no século XXI rumo à Europa e Estados Unidos, além dos êxodos intercontinentais africanos e americanos.



Este lugar individual torna-se criativo e perceptivo, heterogêneo em seu contínuo con-viver e co-mover. A heterotopia do refúgio como lugar de invenção de modos de vida, em concepções de coexistência distintas da chamada ocidental - da imaginação estética, em ritos, imagens e gestualidades que qualificam o refúgio como lugar não apenas físico, e que se configura como uma tecitura de um percurso único, um trajeto próprio, uma relação consigo, com o outro e com o lugar em contínua evolução e trocas, que continuamente produzem imagens do corpo refugiado.

No corpo o refúgio adquire muitos sentidos. Um misto de tradição e migração, singularidade e alteridade, qualificam o refúgio como uma realidade que se dá a ver em processos de visibilidade que atravessam um tempo compartilhado. Entre o político e o estético, o comum e o imaginário, o lugar do refúgio é mais do que um fim (um abrigo), ao revelar-se vivo em seu significado movente. Estudos cognitivos da natureza do sistema sensorio motor como situada e corporificada dialogam com a semiótica da cultura nesta nova abordagem do refúgio. E a arte, em suas maneiras de ver, modos de inter-agir e percepções provocadoras, amplia esta proposição.

Em seu pequeno livro "Sobre o exílio", o russo Joseph Brodsky considera que a experiência do exilado amplia a perspectiva da escrita, o olhar que isolado e ao mesmo tempo perdido, na humanidade, na multidão, na infinidade humana, torna-se o lugar de onde se pode falar. Ao mesmo tempo em que imagina refugiados vietnamitas no alto mar ou num interior australiano, mexicanos se arrastando pelas ravinas do sul californiano e turcos vagando por Berlim, Brodsky entende que o exilado apresenta uma mentalidade autônoma, um novo material qualitativo cuja experiência é dependente do processo e da linguagem - como a poética. (2016, p.21;15;38).

O grande fluxo de pessoas atravessando fronteiras e territórios nos últimos anos em busca de refúgio nos faz lembrar que o nomadismo e a migração sempre fizeram parte da história da humanidade. No entanto, seu significado hoje ultrapassa tanto as condições de acolhimento de políticas migratórias internacionais quanto nossa capacidade de categorizar, ou melhor, relacionar-se, com este fenômeno massivo tanto no âmbito teórico como nas realidades vivenciadas.



Neste fluxo inédito de deslocados (oitenta milhões em 2020), na urgência de uma cartografia apta a legitimar novas políticas de visibilidade, a compreensão do deslocamento como ação espacial e pessoal, que desmantela fronteiras oficiais ou culturalmente fictícias nas demarcações de territórios - como acompanhamos nas divisões do mundo impostas pelos colonizadores, mais tarde na reconfiguração global pós Segunda Guerra, e de forma localizada em nações que buscam legitimidades próprias na forma de guerras civis ou de confrontos étnicos e religiosos, como no Sudão e Afeganistão, Haiti e fronteiras interamericanas do México.²

Tais violências políticas também promovem, por outro lado, o apagamento do entendimento histórico de identidade, em ganhos epistemológicos, na criação de novas formas de pertencimento impulsionadas pela presença de um corpo multicultural e multimídia (no sentido em que gera imagens e se apresenta em linguagens e estéticas híbridas) e diverso que atualiza seu entorno, e participa de uma ação que se passa em níveis sensório e significante ao conjugar os termos deslocar e pertencer.

Franz Fanon (apud MBEMBE, 2019) nos lembra que a realidade é liminar, sendo processo de deslocamento e diferenciação, e demanda um olhar à alteridade distinto do esquecimento e da zona abjeta da invisibilidade e indistinção (a tenda anônima no campo de refugiados, o bote inflável que corta o mar, o manto dourado ou prateado que aquece o corpo e insiste em brilhar a despeito de sua condição de deriva, suspensa, exilada, abjeta).

O movimento de consideração (de con+siderar, conforme Marielle Macé, 2018), vem animar uma situação de vulnerabilidade ou de precariedade; Considerar as vidas efetivas, afetar o território, deslocar o pertencimento, deixando escapar figuras de totalidade e de unidade sonhadas no ocidente (o sujeito como unidade originária da esfera pública iluminista; o indivíduo moderno): o outro não pode mais “ser emoldurado como modelo de ontologia negativa”.

A hospitalidade absoluta à qual nos incita Jacques Derrida (2003) exige que eu abra minha casa, e não apenas a ofereça ao estrangeiro, mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe chegar e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir nem

1

Achille Mbembe (2019) apresenta o contexto de vários países africanos que, após a independência dos colonizadores, perpetuam uma mobilidade contínua entre territórios, cruzando fronteiras e países, em grandes êxodos migrantes que se legitimam na busca por necessidades básicas como água, comida, trabalho, recursos naturais, segurança, ou étnicas, e constituem uma realidade perene que desconfigura territórios formais ou demarcados politicamente e vitaliza o espaço da fronteira, da borda, como lugar de encontros e oportunidades.



reciprocidade nem mesmo seu nome. Assim, o lugar do deslocamento seria o habitar um tempo e um lugar sempre renovados.

O tempo suspenso do campo de refugiados onde cada corpo ganha uma anonimidade coerente com sua situação social e política, expelido da sociedade, é o experimentado na tenda imóvel, em oposição ao sentido de tenda como ícone nômade. Uma certa morte pela invisibilidade e impossibilidade de ação. A tenda das culturas árabes, que a cada dia se refaz em novo local e sob novas condições regidas pelo próprio nomadismo, vinculado a uma certa liberdade coerente com a do corpo - o corpo tenda, móvel e vivo - permanece como um ícone do deslocamento como direito inafiançável de liberdade. Seria preciso assim, no contexto dos deslocamentos forçados, não enclausurar o ser numa situação de extrema alteridade mas "desenclausurá-lo, reportar-se a ele como a um dos centros efetivos de nosso presente." (MACÉ, 2018, p.45).

O não-lugar exposto pela morada provisória faz lembrar que quem cria o lugar é o corpo. Esta noção não é geográfica nem histórica, mas singular: deslocar e preservar, em traçados ativos e provisórios, geram uma percepção híbrida dos diversos corpos que vivenciam e reformulam familiaridade e novidade em cartografias próprias. A dinâmica desencadeadora de paisagens está na qualidade da relação, que terá significados poéticos, políticos, artísticos. A paisagem terá sempre um tempo e um lugar, dando ainda visibilidade a memórias e imaginações, ignições cognitivas da natureza do sistema sensorio motor - situada e corporificada, lembra Roelnic (2018, p.49).

A micropolítica se apresenta no corpo histórico e cognitivo como um campo de ação gerador de novas conexões que também desestabiliza condições prévias do espaço. A borda como tecido de um lugar de várias histórias, espaço de contínuas tecituras, se oferece como campo ativo de negociações e reconfigurações, apresentando uma paisagem sempre viva de atravessamentos em movimento. Esta vivência que excede mapeamentos, gera agenciamentos e reconfigurações de territórios existenciais, promove outras coordenadas possíveis. As chamadas ecologias da experiência, no con-viver, exercem a mediação como potência neste espaço da fronteira como borda que se move em formas inéditas de territorialidade.



Mauro Maldonado (2014, p.151) apresenta a questão do limite como um exercício de perplexidade, um lugar desenraizado do próprio ser: “o eu, do qual se pretendeu por muito tempo a unidade, centro sintético da experiência, se dissolve.” Marisa Florido Cesar (2014, p.143) acrescenta que em nossa multiplicidade desestabilizamos as permanências e as representações estáveis de território em seus âmbitos geográfico e corporal. O limite seria um corte arbitrário em um todo infinitamente móvel - e todo território já contém vários níveis de desterritorialização.

O corpo, sempre atravessado por novas imagens, e o afeto como desestabilizador de continuidades, renovam formas de apresentações do sujeito desde suas subjetividades. A imaginação processa vestígios de uma realidade codificada e neutraliza exigências da linguagem. Entre muitos povos antigos e ainda hoje o mundo mítico é esfera do tempo presente e os mitos se atualizam no cotidiano.

Os focos enunciativos encarnados de Mbembe (2012) legitimam uma enunciação tomada pelo processo, como sugere Guattari (2011), uma enunciação performada desde alteridades diaspóricas de um corpo. A autoalteridade - eu e a multiplicidade de outros encarnado no cruzamento de componentes enunciativos parciais - é assim geradora de focos de alteridade que escapam à identificação: numa linguagem que ultrapassa o enunciado, eu gero exercícios de visibilidade onde experimento meus outros em minha natureza diaspórica.

Fabular como prática de resistência e de re-existência corpórea, como propõe Christine Greiner e José Azevedo (2020), torna a distinção com o documental desimportante; os povos que atravessaram o oceano Atlântico e foram escravizados nas colônias, por exemplo, precisavam imaginar para continuar vivendo, de modo que a imaginação torna-se estratégia narrativa. Assim acompanhamos, por exemplo, na literatura palestina não só produzida em Gaza e na Cisjordânia mas no mundo todo.

Narrativas fabulatórias como histórias singulares permitem ler o tempo do mundo e devolver as bibliografias politicamente e esteticamente. A fabulação é política e não uma ficção: ela explicita histórias que não foram contadas, como as afrofabulações, complementa Mbembe (2019): um ser diaspórico viveria nestas temporalidades, na fabulação, na sociedade; como



um ser ressurgente. A função fabuladora é também um estado corporal que se institui a partir de processos imaginativos mediados, nas redes sógnicas por onde transita. Bergson e Deleuze (apud GUATTARI, 2012, p.121) comentam que a fabulação acionada pelas emoções cria deslocamentos e modos distintos de ver e sentir a vida. Focos enunciativos em territórios existenciais se heterogenizam e a problemática da enunciação é contornada por sistemas diversos, “enunciando essa transferência de práticas, saberes e experiências”; em outras palavras, a enunciação é tomada pelo processo.

A complexificação da enunciação criaria uma textura infinita de “geografias imaginárias” (Edward Said, apud GUATTARI, 2012). Guattari sugere então que ressingularizar, gerar focos de alteridade ainda não identificados, complexifica as relações e tira o peso do significado. Esta autoalteridade amplia a identidade individuada e literal escapa à identidade ou a uma identificação unitária.

Tal diversidade narrativa promove, juntamente com a realidade interpessoal, a autoalteridade, que em seu aspecto fabulatório pode misturar enunciados. O agenciamento em territórios existenciais torna-se heterogêneo, assim como a enunciação é tomada pelo processo. O potencial do corpo de reativar categorias de espaço e tempo, por memórias, afetos, trazendo as modalidades temporais da dimensão afetiva, contribui para as releituras dos lugares do corpo como propomos aqui, considerando, como propõe Patricia Clough (apud CHAUVIN, 2017) a natureza das relações de poder como numa nova “ontologia relacional”. A história performada pelo corpo deixaria-se siderar, numa “emoção que não vira moção”.

Conforme Azevedo (2020) a alteridade como representatividade, que não é anulada nem neutralizada, que é soma, permite-nos evadir da lógica dual “eu e outro”, sujeito e objeto, instaurada nas linguagens e experimentar uma multiplicidade. Do mesmo modo, intermediações e indícios comunicam estados, sem mensagens uníssonas. Tal paisagem fragmentária e divergente no lugar de ancoragens fixas revela-se fértil para lidar com os desdobramentos das formas de vida onde identidade, pátria e fronteira se diluem em novas formas de comunicar e (re)compor suas próprias histórias. Partes da existência a princípio marginalizadas apontam para novas possibilidades de discursos. Esta autoalteridade de modalidades



simultâneas (eu e meus eus, encarnados no cruzamento de enunciações parciais, escapam à identificação.

A subjetividade é contemplada pela identificação em um ambiente específico - nos identificamos com uma realidade num ambiente, contribuindo para a existência de espaços heterogêneos e redes de informações - o que define a topologia. Refúgio, portanto, é um lugar muito mais que físico: ele pode ser mental, imaginado, sentido. O refúgio poderia estar no cheiro dos biscoitos da avó, no poema escolar, na música, na solidão, na multidão. Distante do sentido de fuga, o refúgio representa uma coisa pra cada um e deixa de constituir um lugar de chegada para assumir o de visita: ele evolui, re-territorializa, e é real na medida em que se constitui e se configura no corpo.

Pensar nos refúgios que o corpo é capaz de criar passando por narrativas de toda natureza, compreender a imaginação como recurso perene num corpo criativo é também visitar a noção de paisagem como um conjunto de imagens sempre vivas - em movimento e diálogo com o entorno. Ao mesmo tempo e no mesmo lugar há uma reivindicação do real de "enfrentá-lo e vê-lo tal como é, em compreendê-lo sem com isso, apreciá-lo ou justificá-lo; em outros termos, em tomar o partido do real." (Bordieu, apud MACE, 34:2018). Modos de se criar visualidades a partir do encontro com objetos e espaços, que compõem novas formas de viver a partir de nosso corpo afetado pela paisagem e pela intenção de se criar um contexto de experimentos narrativos. Os refúgios do corpo são capazes de formular existências e ocupar um campo de trocas que projeta imagens, somadas a um habitar junto, ao mesmo tempo se estando fora. Este exercício da partilha que reconhece o novo advém da própria abertura ao lugar desde um imaginário ou fabulação que une e torna comum.

Territórios subjetivos desdobram-se em coordenadas por vir. O lugar é onde o corpo está, desterritorializando, reterritorializando, deslocando seus afetos em "ecologias da experiência marcadas pela co-composição com o viver." (Erin Manning, apud GREINER, 2018). Passados presentificados e presentes fabulados abrindo fronteiras tão potentes como diversas. Marc Augé (2017, p.166) sugere que estar situado é estar deslocado; um a condição de transitoriedade de uma certa zona de



Refúgios do corpo: deslocar para pertencer
Monica Toledo Silva

passagem de infinitos deslocamentos individuais, mobilidade incessante de situações subjetivantes, gesto que abre o lugar ao outro, meu próprio lugar e o lugar de todos nós.



Imagens 1 e 2: Monica Toledo. Estudos sobre pertencimento, inédito.

Mbembe contribui com suas figuras do múltiplo, constitutivo de uma história particular capaz de reanimar possibilidades de um pensamento, uma estética, numa cultura transnacional (exemplificando a língua afropolitana, as pessoas que se expressam em mais línguas, as artes autóctones, uma população branca endógena e a língua híbrida africaner, em “mestiçagens biológicas”, na África do Sul de minorias fortes e comunidades diaspóricas).

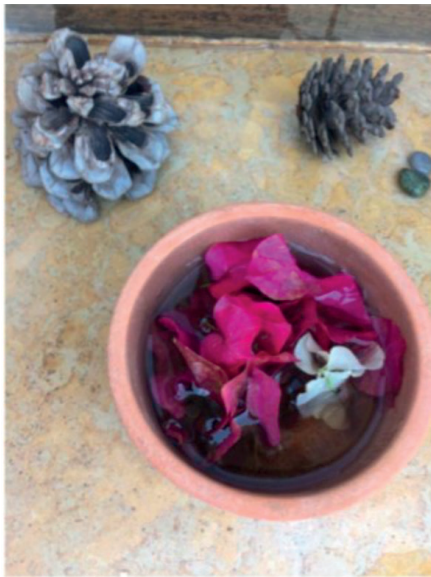
Considerando a realidade como interpessoal, criamos o tempo todo relações intersubjetivas, desse modo construindo identidades transversais potencializadas por enunciações que afetam uma realidade comum, e promovem a “matéria dos conflitos para construir novos mundos e ampliar a subjetividade das pessoas.” (MBEMBE, 2019:238;97). A enunciação de um corpo deslocado ocupa simultaneamente este terceiro espaço, de passagem, incorpóreo ou material, lembrado ou futuro, que torna o rio, o mar, a pedra, a cama, um vir a ser próprio. Esta corporeidade expandida por um território sempre a ser criado, vivência tornada real na relação com o entorno, com o vazio de afetos proporcionado por um outro espaço sensório, é criadora de novas paisagens - no corpo, no lugar, no outro - que ressignificam os modos de viver a realidade.

O modo deslocado se desconecta de uma certa realidade comum para, assim como nas experiências de povos indígenas, nômades por natureza, associar-se com toda forma de vida de modo intrincado: um conjunto orgânico de seres associados. O antropólogo James Clifford propõe a “fabulação livre como um dispositivo de conexão entre nós, juntando as complexidades e deixando as pontas soltas” para que não paremos de fabular. Histórias sem fim que se conectam umas com as outras em “transformação contínua que atravessa fronteiras étnicas”. (VILAÇA, 2020, p.48-9). No complexo aparato do corpo caminhar vem a ser a razão mesma de se reinventar.

Numa viagem recente à Finlândia e Estônia, percorrendo os entornos e parques das capitais, me atento à presença perene das típicas árvores (*birch*) que figuram metaforicamente como uma borda-limite de seus troncos (caules), cobertos por escrituras vegetais, cartografias do tempo, que delimitam, protegem e se oferecem para o entorno móvel. Ali percebo que a porosidade gera a diversidade, numa ação espaço-temporal que



não cria unidade, visto que sempre conecta um dentro (estável) com um fora em expansão e incessante “mobilidade de situações subjetivantes” - a hospitalidade de Derrida. Se o espaço do entre, da borda, é de cooperação, o entre reverte a entropia e conecta percursos nas margens da representação, assegurando dessa forma as margens da representação: de um, de outro, em suas naturezas de deslocamentos singulares que incessantemente recriam o lugar da borda-limite. Cartografias se constroem desde relações de força entre microuniversos e geram uma pertença muito viva neste espaço de existências compartilhadas. Deslocar para pertencer aos próprios refúgios que geramos.



Imagens 3 e 4: Frames da instalação Tracing mermaids
Monica Toledo. Mudhouse Art Residence, Creta, GR 2018.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não lugares. Introdução a uma antropologia da super modernidade*. Campinas: Papirus, 2017.

AZEVEDO, José Fernando Peixoto. In SEMINARIO PERSPECTIVAS ANTICOLONIAIS MIT 2020, São Paulo.

- BRODSKY, Joseph. *Sobre o exílio*. Belo Horizonte: Aynée, 2016 [1988]
- CESAR, Marisa Florido. *Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira*. Circuito, 2014
- CHAUVIN, Irene Depetris; TACCETTA, Natalia. *Giro afectivo y artes visuales. Una aproximación interdisciplinaria sobre América Latina*. Buenos Aires: Imagofagia, n.16, 2017.
- DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- GREINER, Christine. *Fabulações do corpo japonês e seus microativismos*. São Paulo, n-1, 2018 GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: 34, 2012 [1992].
- _____. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 2011 [1989].
- MACÉ, Marielle. *Siderar, considerar. Migrantes, formas de vida*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018 [2017].
- MALDONADO, Mauro. *A subversão do ser*. São Paulo, SESC, 2014 [2001].
- MASSUMI, Brian. *The autonomy of affect. The politics of systems and environments part II*. Cultural critique n.31. University of Minnesota Press, 1995 [2008].
- MBEMBE, Achile. *Sair da grande noite. Ensaios sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019
- ROELNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1, 2018.
- SILVA, Monica Toledo. *Migrant images. Aesthetic imagination in experiences of displacement*. Palacký University Omolouc, Czeck Republic: Journal of Linguistic Frontiers, 2021.
- VILAÇA, Aparecida. *Morte na floresta*. São Paulo: Todavia, 2020.

